

M. L. STEDMAN

A LUZ
— *entre* —
OCEANOS



Tradução de Geni Hirata

Rocco

☞ CAPÍTULO 1 ☞

16 de dezembro de 1918

— **S**IM, COMPREENDO — Tom Sherbourne disse. Estava sentado em uma sala espartana, apenas ligeiramente mais fresca do que o dia sufocante lá fora. A chuva de verão de Sydney martelava a janela e fazia as pessoas na calçada saírem correndo em busca de abrigo.

— Quero dizer que é *muito* difícil. — O homem do outro lado da mesa inclinou-se para frente para dar mais ênfase. — Não é nenhum piquenique. Não que Byron Bay seja a pior colocação na Lights, mas quero ter certeza de que você sabe o que o espera. — Ele apertou levemente o fumo com o polegar e acendeu o cachimbo. A carta de solicitação de emprego de Tom contara a mesma história de muitos jovens naquela época: nascido em 28 de setembro de 1893; passou a guerra no exército; experiência com o Código Morse e com o Código Internacional; fisicamente apto e em perfeitas condições; dispensa honrosa. As regras estipulavam que devia ser dada preferência a ex-combatentes.

— Não pode — Tom parou, e começou de novo. — Com o devido respeito, sr. Coughlan, não é provável que seja pior do que o Front Ocidental.

O homem olhou novamente para os detalhes nos documentos de dispensa, depois para Tom, buscando algo em seus olhos, em seu rosto.

— Não, meu filho. Você provavelmente tem razão nesse ponto.

Ele disparou algumas regras:

— Você paga sua própria passagem a cada posto de trabalho. Você é substituto, portanto não tem direito a feriados. Pessoal permanente tem um mês de licença a cada contrato de três anos. — Ele pegou sua grossa caneta e assinou o formulário à sua frente. Rolando o carimbo de um lado para

o outro na almofada de tinta, disse: – Bem-vindo – bateu o carimbo em três lugares no documento – ao Serviço de Faróis da Comunidade Britânica.



Os seis meses como substituto em Byron Bay, na costa da Nova Gales do Sul, com dois outros faroleiros e suas famílias, ensinaram a Tom os fundamentos da vida na Lights. Depois disso, passou um período em Maatsuyker, a ilha selvagem ao sul da Tasmânia onde chovia a maior parte do ano e as galinhas eram levadas pelo vento durante as tempestades.

Na Lights, Tom Sherbourne tem tempo de sobra para pensar na guerra. Nos rostos, nas vozes dos companheiros que lutaram ao seu lado, que salvaram sua vida de um modo ou de outro; aqueles cujas palavras finais ele ouviu e aqueles cujos murmúrios confusos não conseguiu entender, mas para os quais balançava a cabeça de qualquer forma.

Tom não é um dos homens cujas pernas ficaram penduradas por um feixe de tendões, nem daqueles cujas entranhas jorraram de seu invólucro como enguias escorregadias. Nem seus pulmões viraram uma cola, nem seu cérebro uma pasta por causa do gás. Mas mesmo assim ele tem cicatrizes, tendo que viver na mesma pele do homem que fez o que tinha que ser feito na ocasião. Ele carrega essa outra sombra, que é lançada para dentro.

Ele tenta não ficar remoendo isso: viu muitos homens ficarem inutilizados dessa forma. Assim, ele prossegue com sua vida andando pelas beiradas de algo para o qual não tem um nome. Quando sonha a respeito desses anos, o Tom que está nos sonhos, o Tom que está lá com sangue nas mãos, é um garoto de mais ou menos 8 anos. É esse garotinho que está enfrentando homens com armas de fogo e baionetas, e fica preocupado porque suas meias do uniforme escolar escorregaram para baixo e ele não pode suspendê-las porque terá que largar sua arma para fazer isso, e quase nem consegue carregá-la. E ele não consegue achar sua mãe em lugar nenhum.

Então, ele acorda e está em um lugar onde só há vento, ondas e luz, e o maquinário intrincado que mantém a chama acesa e o farol girando. Sempre girando, sempre olhando por cima do ombro.

Se ele puder ficar bem longe – das pessoas, das lembranças –, o tempo fará seu trabalho.



A milhares de quilômetros de distância, na costa ocidental, Janus Rock era o lugar mais longínquo no continente desde a casa da infância de Tom em Sydney. Mas o Farol de Janus fora o último sinal da Austrália que ele vira quando seu navio de tropas zarpuou para o Egito em 1915. O cheiro dos eucaliptos flutuou no ar por milhas e milhas ao largo de Albany, e quando o cheiro desapareceu, ele ficou repentinamente nauseado com a perda de algo de que não sabia que sentiria falta. Horas mais tarde, fiel e constante, o farol, com seus clarões de cinco segundos, surgiu no campo de visão – o ponto mais distante de sua terra natal – e essa lembrança permaneceu com ele através dos anos de inferno que se seguiram, como um beijo de despedida. Quando, em junho de 1920, teve a notícia de uma vaga urgente em Janus, foi como se o farol da ilha o chamasse.

Balançando-se na borda da plataforma continental, Janus não era um posto popular. Apesar de sua classificação de adversidade Grau Um significar um salário ligeiramente maior, os antigos operários diziam que não valia o dinheiro, que era escasso de qualquer modo. O faroleiro que Tom substituiu em Janus foi Trimble Docherty, que causara uma comoção ao reportar que sua mulher estava enviando sinais para os navios que passavam, anexando mensagens às bandeiras coloridas do Código Internacional. Isso era inadmissível para as autoridades por duas razões: primeiro, porque o diretor-adjunto da Lights já proibira havia alguns anos sinalizar com bandeiras em Janus, porque os navios se colocavam em risco navegando perto o suficiente para decifrá-las; e segundo, porque a mulher em questão falecera recentemente.

Uma volumosa correspondência sobre o assunto foi gerada em três vias entre Fremantle e Melbourne, com o diretor-adjunto em Fremantle defendendo Docherty e seus anos de excelentes serviços, até uma administração central preocupada apenas com a eficiência, os custos e a obediência às normas. Por fim, chegou-se a um acordo, pelo qual um faroleiro

temporário seria contratado enquanto Docherty recebia uma licença médica de seis meses.

– Normalmente, não enviaríamos um homem solteiro a Janus. É um lugar muito remoto, e uma mulher e uma família podem ser de grande ajuda prática, não apenas um conforto – o dirigente distrital dissera a Tom. – Mas considerando que é apenas temporário... Você partirá para Partageuse dentro de dois dias – ele disse, assinando o contrato por seis meses.

Não havia muito a organizar. Ninguém de quem se despedir. Dois dias depois, Tom subia a rampa de embarque do barco, equipado com um saco de viagem e pouca coisa mais. O navio a vapor *Prometheus* seguiu seu curso ao longo da costa sul da Austrália, parando em vários portos em seu percurso entre Sydney e Perth. As poucas cabines reservadas para passageiros de primeira classe ficavam no convés superior, perto da proa. Na terceira classe, Tom compartilhava uma cabine com um velho marinheiro.

– Faço esta viagem há cinquenta anos. Eles não iam ter a coragem de me pedir para pagar. Dá azar, sabe – o sujeito dissera alegremente, em seguida retornando sua atenção para a grande garrafa de rum barato que o mantinha ocupado. Para fugir dos vapores alcoólicos, Tom passou a andar pelo deque durante o dia. À noite, geralmente havia um jogo de cartas abaixo do convés.

Podia-se ver com um simples olhar quem havia estado lá e quem passara a guerra em casa. Podia-se sentir o cheiro disso em um homem. Cada um procurava juntar-se aos seus iguais. Estar nas entranhas de uma embarcação trazia de volta lembranças dos navios de tropas que os levaram primeiro ao Oriente Médio e mais tarde à França. Logo depois de chegar a bordo, haviam deduzido, quase por instinto animal, quem fora um oficial, quem fora um soldado raso; onde eles haviam lutado.

Como nos navios de tropas, a preocupação era descobrir um passatempo para animar a viagem. O jogo combinado era bastante conhecido: o primeiro a conseguir um souvenir da primeira classe era o vencedor. Mas não um souvenir qualquer. O artigo escolhido era um par de calcinhas de

mulher. “O prêmio em dinheiro é o dobro se ela estiver usando as calcinhas na hora.”

O líder do grupo, um homem chamado McGowan, com bigode e dedos amarelados de seus cigarros Woodbines, disse que andara conversando com um dos atendentes do navio sobre a lista de passageiros: a escolha era limitada. Havia dez cabines ao todo. Um advogado e sua mulher – melhor passar longe deles; alguns casais idosos, uma dupla de solteironas (promissor), mas o melhor de tudo, a filha de algum figurão viajando sozinha.

– Acho que podemos subir pela lateral e entrar pela janela dela – ele anunciou. – Quem está comigo?

O perigo da ousadia não surpreendia Tom. Ouvira dezenas de histórias como essa desde que voltara. Homens que se acostumaram a arriscar a vida em um capricho – tratando as cancelas em passagens de nível como um salto ao galope; nadando em correntezas para ver se conseguiam sair. Muitos homens que haviam conseguido driblar a morte na guerra agora pareciam viciados em sua sedução. Entretanto, esse bando agia por conta própria agora. Provavelmente, cheios de conversa fiada.

Na noite seguinte, quando os pesadelos pioraram além do normal, Tom resolveu fugir deles com um passeio pelos deques. Eram quase duas da madrugada. Ele tinha liberdade de andar por onde quisesse a essa hora, de modo que media os passos metodicamente, observando o luar deixar seu rastro na água. Dirigiu-se ao convés superior, agarrando o corrimão das escadas para compensar o balanço suave do navio, e ficou parado no topo por um instante, apreciando a brisa fresca e a firmeza das estrelas que pontilhavam a noite.

Pelo canto do olho, viu um reflexo em uma das cabines. Até mesmo passageiros de primeira classe às vezes têm dificuldade para dormir, pensou. Em seguida, um sexto sentido o despertou – aquele instinto indefinível, familiar, para problemas. Moveu-se silenciosamente na direção da cabine e olhou pela janela.

Na luz fraca, viu uma mulher encostada contra a parede, pregada ali apesar do homem à sua frente não a estar tocando. Ele estava a poucos centímetros de seu rosto, com um olhar cobiçoso que Tom já vira muitas vezes.

Reconheceu o homem do deque inferior e lembrou-se do prêmio. Idiotas. Experimentou a porta e ela se abriu.

– Deixe-a em paz – ele disse, entrando na cabine. Falou calmamente, mas sem deixar margem à discussão.

O homem girou nos calcanhares para ver quem era e abriu um largo sorriso quando reconheceu Tom.

– Cruzes! Pensei que fosse um dos atendentes! Pode me dar uma mãozinha, eu só estava...

– Já disse para deixá-la em paz! Caia fora. Agora.

– Mas ainda não terminei. Eu só ia alegrar o dia dela. – Ele fedia a bebida e ranço de tabaco.

Tom colocou a mão em seu ombro, com um aperto tão forte que o homem gritou. Era uns quinze centímetros mais baixo do que Tom, mas ainda assim tentou dar-lhe um golpe. Tom agarrou seu pulso e torceu-o.

– Nome e patente!

– McKenzie. Soldado. 3277. – O número não solicitado seguiu-se em reflexo.

– Soldado, peça desculpas a esta jovem, volte ao seu beliche e não mostre mais a cara no convés até ancorarmos, compreendeu?

– Sim, senhor! – Virou-se para a mulher. – Desculpe-me, senhorita. Não quis causar-lhe nenhum mal.

Ainda aterrorizada, a mulher apenas fez um leve sinal com a cabeça.

– Agora, saia! – Tom disse, e o homem, repentinamente sóbrio, saiu às pressas da cabine.

– Você está bem? – perguntou Tom à mulher.

– Eu... eu acho que sim.

– Ele a machucou?

– Ele não... – ela dizia a si mesma, mais do que a ele – na verdade, ele não tocou em mim.

Ele analisou o rosto da mulher; seus olhos cinza pareciam mais calmos agora. Seus cabelos escuros estavam soltos, caindo em ondas até os braços, e seus punhos ainda agarravam a camisola junto ao pescoço. Tom pegou seu roupão de um gancho na parede e envolveu seus ombros.

– Obrigada.

– Deve ter levado um grande susto. Receio que alguns de nós não estejamos acostumados à companhia civilizada ultimamente.

Ela não disse nada.

– Não vai ter mais problemas com ele. – Levantou uma cadeira que fora derrubada no confronto. – Fica a seu critério denunciá-lo, senhorita. Eu diria que ele já não é bom da cabeça.

Os olhos dela interrogaram-no.

– Ter ido à guerra muda um homem. Certo e errado já não parecem tão diferentes para alguns. – Virou-se para ir embora, mas colocou a cabeça de novo pela porta. – Você tem todo o direito de denunciá-lo, se quiser. Mas acho que ele já tem problemas suficientes. Como eu disse, fica a seu critério – e desapareceu fechando a porta.